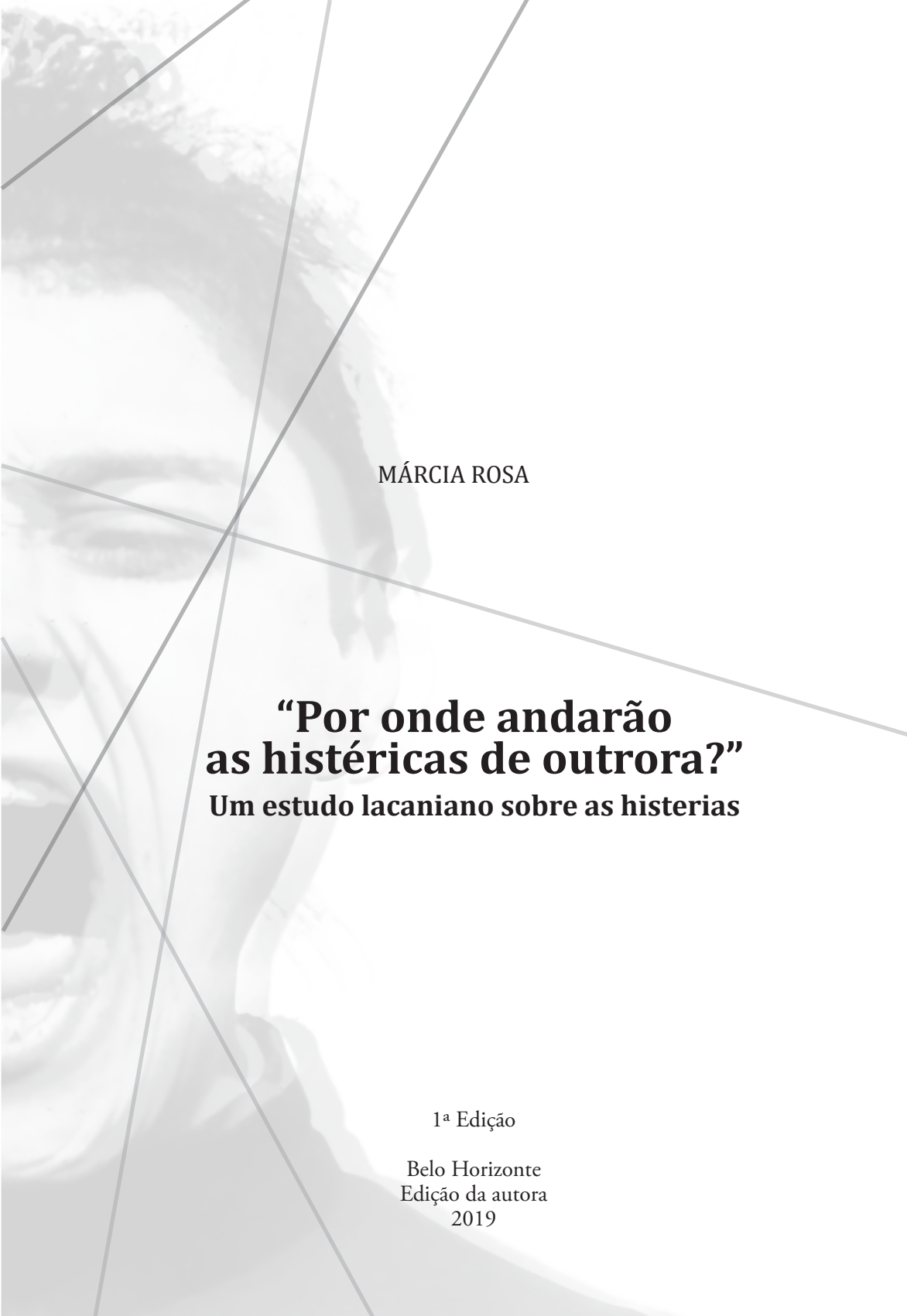




MÁRCIA ROSA

**“Por onde andarão
as histéricas de outrora?”**

Um estudo lacaniano sobre as histerias

1ª Edição

Belo Horizonte
Edição da autora
2019

Copyright 2019 – Márcia Rosa, 2019
Direitos Reservados. Lei 9.610,
de 19/02/1998

A “Coleção Cartas de Psicanálise”, cujo volume n.º 1 estamos lançando aqui, visa publicar trabalhos produzidos a partir de pesquisas de pós-graduação, além de material vindo da comunidade psicanalítica que atenda aos objetivos do “Laboratório Transdisciplinar: família, parentalidade e parcerias sintomáticas (LABTRANSUFMG), vinculado ao Depto de Psicologia da UFMG.

Os ‘laboratórios’ são dispositivos acadêmicos através dos quais oferecemos e coordenamos atividades diversas, tais como cursos de extensão, organização de colóquios, nacionais e internacionais, realização de pesquisas, publicações, etc. No caso do LABTRANSUFMG temos como interesse fundamental promover atividades que contribuam para garantir a sobrevivência da psicanálise e para preservar aberto o diálogo interdisciplinar, de modo a manter viva a presença da psicanálise no horizonte de nossa época.

Coleção Cartas de Psicanálise

Editora: Dra. Márcia Rosa (UFMG)
Projeto Gráfico: VCS Propaganda
Diagramação: Wemerson Felix
Capa: Enyaly C. Poletti
Ilustração Capa: Francisco Xavier
Revisão: Luiz Gonzaga Morando Queiroz

Conselho Editorial

Dr. Antônio Márcio Teixeira (UFMG)
Dra. Angélica Bastos (UFRJ)
Dr. Carlos Enrique Luchina (FHEMIG/CEPSI)
Dra Cristina Moreira Marcos (PUC-MG)
Dra. Elisa Alvarenga (EBP-AMP)
Dr. Fabian Fajnwaks (Université Paris 8)
Dr. Fabian Naparstek (Universidade de Buenos Aires)
Dr. Francisco Paes Barreto (EBP-AMP)
Dr. Jeferson Machado Pinto (UFMG)
Dr. José Martinho (ACF-Portugal)
Dr. Marcelo Veras (UFBA)
Dra. Rita Manso (UERJ)
Dr. Paulo Siqueira (ECF-Paris)

Rosa, Márcia, 1953-

G789p Por onde andarão as histéricas de outrora?: um estudo lacaniano sobre
2019 as histerias / Márcia Rosa. – Belo Horizonte: edição da autora, 2019.
209 p. : il.; 23 cm. – (Cartas de Psicanálise, 1)

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-900551-0-1

1. Psicanálise. 2. Histeria. 3. Psicologia. 4. Sexo. 5. Sexualidade
6. Lacan, Jacques, 1901-1981. I. Título.

CDD: 150.1952
CDU: 159.964.2

Ficha elaborada pelo Bibliotecário: Bruno Moreira de Mores – CRB -6/3270

Publicação sob a chancela do LABTRANSUFMG

Universidade Federal de Minas Gerais: Departamento de Psicologia

Laboratório Transdisciplinar: família, parentalidade, parcerias sintomáticas

Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha

Belo Horizonte - MG, 31.270-901 - Brasil

Email: marcia.rosa@globo.com

Fone: (31) 99617.6443

The background of the page features several thin, light gray lines that intersect to form various geometric shapes, including triangles and polygons, creating a modern, abstract design.

Agradecimentos

Este livro foi produzido originalmente como uma pesquisa de Pós-Doutorado em Psicanálise realizada no Département de Psychanalyse da Université de Paris 8 Vincennes-Saint-Denis, de março a dezembro de 2018. Agradeço o acolhimento e a supervisão pautados em uma leitura preciosa – além de precisa e também chistosa! – do professor Dr. Fabian Fajnwaks, Maître de Conférences na Paris 8 e psicanalista membro da École de la Cause Freudienne e da Associação Mundial de Psicanálise.

Colegas, familiares e amigos contribuíram para que este projeto pudesse ser levado a termo, a começar por aqueles do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), aos quais agradeço não apenas o consentimento com minha licença para o Pós-Doc, mas também a substituição nas atividades do dia a dia, em especial aos Drs. Antônio Márcio Teixeira e Oswaldo França Neto.

A hospitalidade de Kakay e Valéria tornou o trabalho e as estadias em Paris mais aconchegantes e familiares. Marcos Moura e Thelma Dória acolheram os meus papéis, mas também os meus companheirinhos de todos os dias,

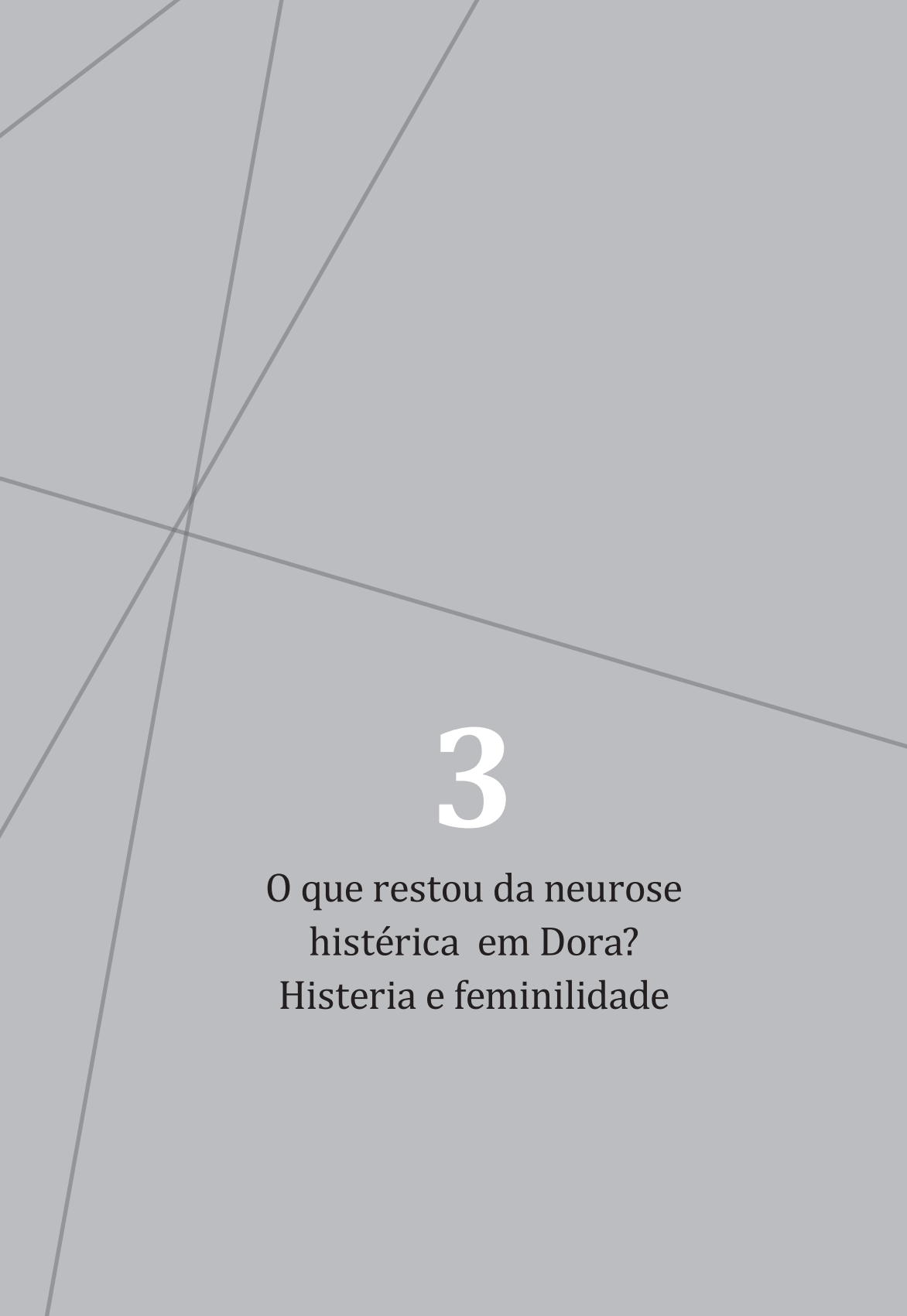
Xuxu e Mano. Ana Terra, sempre disponível para as consultorias jurídicas! Ao João, Marlene, Edson, Carlinhos e Ceci, a minha gratidão pelas histórias de família. Um agradecimento especial a Zozota, que, com a coragem de viver e a alegria que lhe são próprias, se entusiasmou por este projeto.

As muitas horas dedicadas à leitura e à escrita foram acompanhadas por Bloomie e Pepa, mas a Vanete esteve sempre pronta a garantir o sossego necessário para a produção.

À Elisa Alvarenga agradeço a leitura cuidadosa dos originais para a redação da orelha, que acabou virando uma contracapa. Os encontros com Juliana Motta, Cristina Marcos e Flávio Durães no nosso cartel, sem dúvida, contribuíram para estimular a produção. Vera Valadares, entre achados e perdidos, me lembrou, a tempo, da maquininha!

À Escola Brasileira de Psicanálise-Seção Minas agradeço o acolhimento das apresentações dessas pesquisas no formato de seminário. Agradeço aos participantes pela interlocução, bem como ao Junior Zenith, que os transcreveu um a um, a partir das gravações feitas por Beatriz Espírito Santo, Ana Lúcia Teixeira, Márcio Damasceno e Paulo Novais.

Last but not least, o meu agradecimento a Carlos Enrique Luchina pela aposta decidida no projeto que resultou neste livro.

The background of the slide features several thin, dark gray lines that intersect at various angles, creating a complex geometric pattern. These lines are set against a light gray background.

3

O que restou da neurose
histórica em Dora?
Histeria e feminilidade

A análise de Dora com Freud se passou no período de outubro a dezembro de 1900, portanto, durou aproximadamente três meses. Convém lembrar que nessa época as sessões ocorriam cinco vezes por semana; logo, não foram poucos os encontros entre ele e sua jovem analisante. Colocado isso, partimos de um pressuposto: o tratamento de Dora não se concluiu sem restos. Que esses tratamentos deixassem ou produzissem restos, é algo do qual Freud se ocupa em alguns de seus textos e, em particular, na sua apresentação da análise de Dora no texto de 1905, “Fragmento da análise de um caso de histeria” (1901-1905/1972, p. 1-119).

Partimos da ideia freudiana de que o tratamento produz restos sem, no entanto, deixar de observar que, ao reler o caso Dora fundamentado na concepção da psicanálise como uma experiência dialética, no texto “Intervenção sobre a transferência”, Lacan (1951/1998) deixa no horizonte a ideia de que “todo real é racional”. Se todo real fosse racional ou racionalizável, acabaríamos por tornar inteligível tudo que é do campo do real, subsumindo-o pelo trabalho do simbólico e zerando os restos. Sabemos que isso não ocorre e, também por isso, a ideia de que a análise produz restos nos parece interessante como ponto de partida. Cabe, pois, perguntarmos: “O que restou da neurose histérica em Dora?” Acreditamos que a resposta a essa questão nos colocará diante das diferenças entre histeria e feminilidade.

A tese que tomamos como objeto de trabalho neste capítulo pode ser formulada em uma frase: “A histérica não é uma mulher.” Com isso, partimos de uma definição, embora negativa, de mulher e de histeria: uma histérica não é uma mulher; tornar-se mulher implica ter atravessado a histeria. Há, portanto, uma disjunção entre os dois campos: da histeria e da feminilidade. Essa disjunção acompanha o ensino de Lacan e poderíamos demonstrá-lo percorrendo-o de modo cronológico. No entanto, pareceu-nos mais interessante orientarmos nossa entrada no tema a partir daquilo que nos surpreendeu. À medida que vamos lendo, de repente somos fígados por algo que, a partir dali, insiste e nos ocupa. Em vista disso, são esses achados que nos dirigem e à nossa pesquisa.

3.1 Se uma histérica não é uma mulher, a psicanálise dá acesso a uma mulher?

Ao percorrer os vários momentos em que Lacan desdobra a tese de que a histérica não é uma mulher, uma formulação de *Seminário do semblante* nos pareceu muito interessante. Neste seminário de 1971, Lacan começou a construir as fórmulas da sexuação; seguiu nisso no seminário ...*Ou pior* (daqui em diante denominado *Seminário ou pior*) e concluiu com a escrita do quadro da sexuação no seminário *Mais, ainda*, daqui em diante denominado *Seminário Mais, ainda*. Portanto, de 1971 a 1973 Lacan está formulando a sexuação. É neste momento, mais especificamente no capítulo “Um homem, a mulher, a psicanálise”, que ele diz:

A histérica não é uma mulher. Trata-se de saber se a psicanálise, tal como a defino, dá acesso a uma mulher, ou se o advento de uma mulher é uma questão de *doxa*, como era a virtude no dizer de pessoas que dialogaram no *Ménon* [...]. O que constitui o valor, o sentido desse diálogo, é que essa virtude é aquilo que não se ensina. Isso se traduz por aquilo que dela, de uma mulher, tal como defini seu passo, não pode ser sabido no inconsciente, isto é, de maneira articulada (1971/2009, p. 145).

Este parágrafo introduz vários pontos que nos interessam. Ele começa com a tese de que a histérica não é uma mulher e, então, formula esta questão eminentemente clínica: a psicanálise dá acesso a uma mulher? É aí que se chega com o tratamento da histeria? É a isso que se visa? Isso seria a cura da histeria? Essas são algumas das perguntas que o comentário de Lacan nos leva a formular.

Lacan indaga se o acesso a uma mulher é uma questão de *doxa*, de opinião. A propósito, ele retoma o *Diálogo* de Platão, *Ménon*. Neste, ao indagar como um sujeito chega ao conhecimento, a teoria platônica se serve de dois termos, a *doxa* e a *episteme*, a opinião e o conhecimento. Com a noção de *doxa* – cuja definição muda no decorrer dos *Dialógos* –, temos uma indicação daquilo que o sujeito conhece a partir da opinião, de modo imediato pelos sentidos, a partir de um juízo subjetivo. A oposição entre a *doxa* e a *episteme* nem sempre está claramente constituída na teoria platônica, e só mesmo nos últimos *Diálogos* Platão opõe radicalmente o que é do campo da opinião, do juízo subjetivo, e o que é do campo da *episteme*, que se refere a um conhecimento fundado em um saber *a priori*, um saber racional, que abrirá a discussão da teoria platônica da reminiscência.

Voltemos à pergunta de Lacan: a psicanálise dá acesso a uma mulher ou o advento de uma mulher é uma questão de *doxa*, uma questão de opinião? Ao indagar se se trata de uma questão de *doxa*, fica implícito, inclusive, que a opinião sobre o que é uma mulher varia ao longo dos tempos, posto que essa possibilidade de mudança de opinião é inerente ao campo da *doxa*. Assim, a opinião sobre o advento ou o acesso a uma posição feminina na Grécia não seria, obviamente, a mesma sobre o que é uma mulher no Brasil pré e pós-Bolsonaro. Suponho que as mudanças políticas que se processam no Brasil atualmente não serão sem consequências sobre a concepção do que é uma mulher.

Vamos ao *Diálogo*. Discute-se aí como adquirimos o conhecimento, como é possível que alguém que não conhece algo venha a sabê-lo. Digamos: como é possível que uma histérica, que não sabe sobre a mulher, tenha acesso a uma posição feminina? De que modo isso se produziria? No *Mênon*, para abordar a questão de como um sujeito tem acesso ao conhecimento, toma-se como objeto do *Diálogo* o acesso à virtude. Como apreendê-la? Como transmiti-la? Como se tornar virtuoso? A virtude em discussão neste contexto não concerne especificamente ao que é moral ou imoral, ela tem a ver com a capacidade de realizar algo com certo grau de excelência. Estaria, portanto, em diálogo o exercício da feminilidade com certo nível de excelência.

Mênon, um jovem de origem nobre, inicia o *Diálogo*, que se passa em uma praça pública em Atenas, de forma abrupta:

MÊNON: Estarias disposto a dizer-me, Sócrates, se a virtude pode ser ensinada? Ou se pode ser adquirida pelo exercício? Ou quem sabe se não é nem ensinável nem adquirível pela prática, mas recebida de nossa própria natureza? Ou, talvez, de outra qualquer maneira? (PLATÃO, 1950, p. 63).

Indagaríamos: uma histérica teria acesso à posição de mulher, tal como o sujeito em *Mênon*, por aprendizado, por exercício ou a feminilidade seria algo inato? A referência ao ‘inato’ aqui nos permite lembrar que a teoria platônica é um realismo de essências. Em vista disso, está pressuposto que existe uma essência (uma ‘ideia’, um *eidos*) feminina que preexiste às mulheres uma a uma, a qual o sujeito virtuosamente viria a realizar. Nesse sentido, conhecer ou ter acesso à feminilidade seria (re)conhecê-la, tal como proposto pela teoria das reminiscências. Uma vez que a alma contemplou as ideias puras, as verdades eternas, o conhecimento nada faria senão acordar as ideias que já estariam lá, embora adormecidas.

No entanto, se eu não conheço a feminilidade, quando ela aparecer, quando eu viver uma experiência como mulher, saberei identificá-la? São perguntas inspiradas no modo como as questões se colocam no *Ménon*. Por fim, Sócrates postula que, se não há professores, a virtude não é ensinável, então ela não pode ser do campo do conhecimento. Ela não estaria do lado da *episteme*, da certeza, da ciência. Entre a *doxa* e a *episteme* surge uma posição intermediária, a da *ortho-doxa*, da ‘opinião certa’, da ‘opinião verdadeira’, e ela daria acesso à virtude. No entanto, alguns políticos que governam bem os Estados, os profetas, os adivinhos e os poetas, embora listados como virtuosos, “dizem muitas vezes a verdade, mas sem o saber”, “conseguem fazer grandes cousas com seus discursos, embora não saibam o que estão a dizer” (PLATÃO, 1950, p. 105).

Essa ‘verdade’ que vem adjetivar o campo da *ortho-doxa* nos aproxima da histeria, posto que a histérica é marcada pelo amor ao pai, que é um amor ao saber tendo em vista a verdade. Voltemos a Lacan:

Enfim, o *Ménon*, foi com ele que comecei a transpor as primeiras fases da crise que me opôs a um certo aparelho analítico. A distinção entre a verdade e o saber, a oposição entre a *episteme* e a *doxa* verdadeira, aquela que pode fundar a virtude, vocês a encontram escrita, nua e crua, no *Ménon*. O que valorizei foi justamente o contrário, foi a junção delas, isto é, o ponto em que isso se ata, aparentemente, num círculo, o saber de que se trata no inconsciente é aquele que desliza, que se prolonga, que a todo instante revela-se saber da verdade.

É aí que formulo neste instante a pergunta: será que esse saber efetivamente nos permite progredir no *Ménon*? Essa verdade, como encarnada na histérica, será que ela é de fato susceptível de um deslizamento flexível o bastante para que seja a introdução a uma mulher? (LACAN, 1971/2009, p. 145-146).

Esta última pergunta é a mesma do parágrafo anterior, porém opera-se agora com um elemento a mais que é a verdade. Lacan opera com seus termos, o saber e a verdade. Seria possível deslocar o saber sobre o sexual de tal modo que a histérica tivesse acesso a uma posição enquanto mulher? Lacan o formula nos termos: será que a histérica seria flexível o bastante para deixar de dar corpo à verdade, abrindo com isso o acesso a uma posição feminina?

Para que a verdade retornasse sobre a histérica, dando-lhe passagem a algo da feminilidade, seria preciso que ela fosse flexível a algo que não pode ser sabido no inconsciente de uma maneira articulada, pois “existe o *linguageiramente* articulado, que nem por isso é articulável em palavras” (LACAN, 1971/2009,

p. 146). Em vista disso, a histeria permaneceria do lado disto que é articulado e que não daria acesso àquilo que, da feminilidade, não é articulável. Ou seja, a histérica tentaria resolver a questão da feminilidade dentro de um círculo delimitado que não é outro senão o do falo. Com isso, ela se localizaria no lado Homem das fórmulas da sexuação formulado pela existência de uma exceção ($\exists x \overline{\Phi x}$) que confirmaria a regra – para todo sujeito a castração vigora ($\forall x \Phi x$). Para ter acesso à feminilidade seria necessário que ela fosse flexível, que deslizasse até o lado Mulher das fórmulas, no qual a inexistência da exceção ($\overline{\exists x \overline{\Phi x}}$) abriria o conjunto de tal modo que os elementos apresentam-se um a um ($\overline{\forall x \Phi x}$) e, embora relacionados ao falo, estão aí de modo não-todo. Aqui diríamos “as mulheres são fálicas”, “não-todas, algumas sim, outras não”, mas também poderíamos entender que “elas são fálicas, mas não-de todo fálicas”, ou seja, algo nelas escapa à regulação fálica. Qual dessas duas leituras seria a correta? Impossível decidir. Com isso, entra no campo fálico algo indecível que abre para o infinito. Desse lado, uma mulher encontra isso que, embora articulado, não é articulável em palavras, isso que não está limitado ao registro fálico. Assim, em sua sexualidade, uma mulher situa-se tanto em relação ao Um, ao significante fálico, que um homem pode encarnar para ela, como em relação ao significante do Outro que não existe. Uma mulher surge dividida na sua identidade enquanto mulher entre o Um e o Outro, bem como no campo do gozo, no qual ela se instala entre o gozo fálico e o seu mais-além, um gozo dito suplementar, situado fora-da-linguagem e, por isso mesmo, impossível de se dizer.

Para Lacan, a histérica se situa pelo desejo de que seja de toda mulher que se possa dizer que ela é função do falo, “e é por isso que esse desejo se sustenta por ficar insatisfeito, porque dele resulta *uma* mulher, mas não pode ser a histérica em pessoa” (LACAN, 1971/2009, p. 146. Grifos do autor). Portanto, ele conclui, “*toda mulher* é a enunciação com que a histérica se decide como sujeito” (LACAN, 1971/2009, p. 145. Grifos do autor).

No *Seminário Mais, ainda*, lemos: “não há mulher senão excluída pela natureza das coisas que é a natureza das palavras” (LACAN, 1972-1973/1982, p. 99). E Lacan continua: “se há algo de que elas mesmas se lamentam bastante por hora, é mesmo disto – simplesmente, elas não sabem o que dizem” (*ibid.*, p. 99), para concluir: “se ela está excluída pela natureza das coisas, é justamente pelo fato de que, por ser não-toda, ela tem, em relação ao que designa de gozo a função fálica, um gozo suplementar” (*ibid.*). Portanto, há algo da mulher e do feminino que resta excluído das palavras. Em vista disso, a histeria poderia ser concebida como uma tentativa de não se haver com isso

que escapa, que está excluído das palavras, interessando-se preferencialmente pelo saber. Temos aqui uma das definições fundamentais da histeria, com a qual Lacan opera: a histérica é, antes de tudo, uma amante do saber.

3.2 Os restos da histeria de Dora

Ao perguntarmos se a histérica tem acesso à feminilidade, interessa-nos verificá-lo caso a caso. Poderíamos começar colocando a pergunta para nós mesmos, perguntando-nos se a psicanálise nos deu passagem à feminilidade, mas também podemos colocar essa questão em relação à clínica. Com isso, chegamos ao caso Dora. Podemos dizer que a psicanálise lhe deu acesso a uma posição como mulher? E se isso não ocorreu, por que não? Interessa-nos acompanhar isso clinicamente e um pouco mais de perto.

Para abordar essas questões nos serviremos, inicialmente, do texto de Félix Deutsch. “Una nota a pie de página al trabajo de Freud ‘Análisis fragmentario de una histeria’”, que circulou a partir de 1957 como uma nota de pé de página ao trabalho de Freud e publicado originalmente em *The Psychoanalytic Quarterly*, em 1957, e, em sua versão para o espanhol, em *Revista de Psicoanalisis*, em 1970.

Deutsch, marido de uma das primeiras discípulas de Freud, Hélène Deutsch, foi também médico pessoal de Sigmund Freud. Em 1923, foi chamado enquanto médico por um colega otorrinolaringologista para fazer um atendimento a uma paciente casada de 42 anos que estava de cama com sintomas acentuados de síndrome de Ménière, uma síndrome que afeta o ouvido, produzindo vertigens, perda de audição e zumbidos. Esse otorrino já havia tentado, sem sucesso, medicá-la e acabara concluindo que havia ali algo além do orgânico. Então ele convoca Félix Deutsch para atendê-la em uma visita domiciliar. A entrevista teve lugar na presença do médico e do esposo. Este ficou no quarto durante um tempo. Quando ela começou a fazer suas queixas, ele saiu e não retornou.

A paciente fez uma descrição detalhada dos insuportáveis ruídos que sentia no ouvido direito, das tonturas que tinha quando movia a cabeça, disse sofrer muitos ataques de enxaqueca do lado direito da cabeça. Disso, ela passou para um discurso longo sobre a indiferença do marido em relação ao sofrimento dela e de quão infeliz era em sua vida conjugal. Ela falou do único filho e de como ele tinha começado a não lhe dar atenção. Ele terminara o colégio secundário e, embora tendo que se aplicar nos estudos, parecia estar interessado nas mulheres, pois chegava muito tarde a casa à noite. Para saber

a hora em que ele chegava, ela ficava esperando ele voltar para casa, com o ouvido na porta. Tudo isso a levou a falar de sua vida amorosa frustrada e da sua frieza. Chegara a pensar em uma segunda gravidez, mas desistira porque o parto era muito doloroso.

Ela disse ainda estar certa de que o marido lhe era infiel; já tinha até pensado em se divorciar. Então, começou a chorar e a denunciar os homens em geral como egoístas e tacanhos. Falou também de sua vida passada, de como tinha estado muito próxima do irmão, que nesse momento era um líder destacado de um partido político socialista e era o único com quem, entre os homens que estavam ao seu redor, ela ainda tinha proximidade e intimidade. O pai tinha sido infiel à mãe, havia tido uma amante jovem e casada, que era amiga da família, cujos filhos ela cuidava. Ela disse ainda que o marido dessa mulher tinha feito a ela propostas sexuais. Assim, na medida em que ela foi falando, Félix Deutsch, que conhecia Freud, identificou que ali estava Dora, cujo nome é Ida Bauer.

Em certo momento, o otorrino deixou o quarto e ela começou a falar de modo muito insinuante, perguntando se ele era analista e se conhecia Freud. Com isso, ela se identificou como sendo o caso Dora e disse que, desde o tratamento com Freud, não tinha visto nenhum outro psiquiatra. Ela parecia se sentir muito orgulhosa de ter sido um caso tão famoso na literatura analítica. Aí ela pediu a opinião dele sobre ela e ele fez uma interpretação que se mostrou muito precisa e interessante. Ele associou a síndrome de Ménière ao filho e ao movimento contínuo dela no sentido de escutar o momento em que o filho voltava das suas saídas noturnas atrás das mulheres. Se vocês leram o caso Dora, lembram-se da sua posição infantil enquanto uma menina que escutava o barulho da sexualidade dos pais com o ouvido atrás da porta do quarto do casal. Vemos, portanto, que algo da posição infantil, desse desejo de saber sobre a sexualidade do outro, de modo a lhes denunciar o gozo, algo que configura a posição histérica ainda estava lá, orientando o seu sintoma na vida adulta. Quanto a isso, a interpretação de Félix Deutsch produziu efeitos, pois, na sua segunda e última visita, ela não tinha mais os sintomas de Ménière.

Poderíamos escrever isso nos servindo do matema do Discurso da Histérica. Temos aí um sujeito que se enlaça ao Outro a partir de um sintoma, de algo que o divide e lhe gera sofrimento (\$). Ele se endereça a um Outro (S_1) do qual espera a produção de um saber (S_2) o qual, na medida em que não toca a posição de gozo do sujeito (a), o deixará circulando entre o impossível de tratar tudo pelo saber, entre o saber produzido, e a verdade relativa ao gozo, causadora de impotência e da manutenção do sintoma. Podemos escrevê-lo como tal:

Discurso da Histérica

(Síndrome de Ménière)	\$ → S ₁ (Félix Deutsch)
(Gozo de ouvir atrás da porta)	a // S ₂ (Interpretação)

Fonte: ROSA (2018)

A Síndrome de Ménière, os problemas de ouvido, ocupavam aí o lugar do sintoma (\$) que a levou até Félix Deutsch (S₁), tomado como este do qual se espera a produção de um saber (S₂), a interpretação, que toque a verdade do sintoma (a). No caso da interpretação de Deutsch e do efeito que ela produziu, percebemos que há em Dora não apenas uma demanda, mas também uma abertura para o Outro e para o inconsciente, embora isso não tenha sido suficiente para reorientá-la com relação ao seu próprio modo de gozo. Em vista disso, o objeto (a) permaneceu no lugar da verdade recalcada. É interessante observar que o sintoma tem uma face significativa e uma face de gozo que não se remaneja com uma simples interpretação; teria sido preciso um trabalho mais extenso.

Na segunda conversa entre Dora e Félix Deutsch, ela se queixou muito do marido e da vida conjugal; insistiu no nojo e no asco que sentia pelo exercício da sexualidade. Portanto, aos 42 anos, persistia o nojo perante o sexual, sobre o qual ela falara com Freud aos 18 anos; a sua posição frente ao sexual permanecera tal como antes. Desde a sua juventude, a maior parte dos seus sintomas tinha articulação com o sexual que, neste momento, tomara a forma de uma queixa sobre a frigidez.

Um elemento que ganhou destaque aos 42 anos, pouco tratado por Freud e por Lacan, nos recoloca diante da relação de Dora com sua mãe. No relato freudiano do caso, a mãe era aquela mulher da psicose doméstica, uma mulher que se casara com um homem que já havia tido sífilis e que, provavelmente pelo receio de ser contaminada por ele na relação sexual, desenvolve sintomas compulsivos de limpeza. Sua única preocupação era com a limpeza, a limpeza da casa, dos objetos etc. Parece-nos, portanto, que esse sintoma materno estaria associado à sujeira que lhe poderia ser transmitida pela doença do marido. A mãe, que não teve qualquer relevância nos relatos e no tratamento na época, deixou como herança para a filha preocupações excessivas com relação à limpeza. Porém, no caso da filha, as preocupações com a limpeza incidiram sobre o seu próprio corpo. Há na Dora dos 42 anos uma insistente queixa sobre os seus catarros vaginais – esses que na juventude ela dissera ter herdado das paixões selvagens do pai –, pelos quais ela chegou a fazer pequenas intervenções ginecológicas de modo a limpar os fluxos vaginais.

Há também uma preocupação muito grande com a limpeza dos intestinos, já que ela tinha um quadro de constipação intestinal, tal como a mãe. Há algo no campo do gozo que se transmitiu da mãe para a filha, algo ao qual foi dada muito pouca importância e que, de algum modo, retornou. A consequência parece ter sido um câncer de colo, fatal, cujos sintomas foram diagnosticados tardiamente, dado que os sintomas intestinais eram sempre tratados no regime da limpeza. A demora em identificar a gravidade dos sintomas fez com que, quando descoberto, já não havia muito a ser feito. Ela morreu em Nova Iorque, com 63 anos.

Quando lemos as biografias dos pacientes de Freud encontramos questões relativas à guerra, à segregação e ao exílio, posto que esses judeus abastados que frequentaram Freud, em geral, fugiram de Viena. Dora, como os outros, fazia parte de um grupo de judeus abastados da burguesia europeia da época. Com a guerra, ela se instalou na França durante um tempo, mas como o irmão era um líder marxista e acabou sendo perseguido, ela foi obrigada a fugir para Nova Iorque, onde morou com o filho.

Ela se casou com aquele admirador distante que aparece no relato freudiano de sua história, um engenheiro e, também, músico. Casada pouco depois do fim do tratamento com Freud, ela teve um filho e uma vida conjugal bastante infeliz. Dos 42 aos 63 anos, há relatos de que o marido era bastante desdenhado por ela. Deutsch evoca, a propósito, a sua própria fala nas conversas com Freud, nas quais dizia que os homens eram tão detestáveis que ela preferia não se casar. Félix Deutsch observa, então, que o seu casamento parece não ter lhe servido senão para cobrir sua aversão histórica aos homens.

O último comentário que se faz sobre ela, por alguém das suas relações pessoais, é que ela era repulsiva. Se pensarmos analiticamente, esse termo não deixa de ser sugestivo, porque a repulsa é algo marcante no campo da histeria. O asco ou o nojo pelo sexual, quando atinge certo patamar, transforma-se em repulsa. Serge André (1987), ao comentar o caso Emmy de *Estudos sobre a histeria*, observa que nas vivências de repulsa o sujeito esbarra em um ponto da sexualidade não tratado pelo imaginário e pelo simbólico e, em vista disso, ao se apresentar na dimensão do real o sexual gera repulsa. Podemos indagar se essa nomeação, ‘repulsiva’, não chegaria a ter um estatuto de *sinthoma* para Dora, ou seja, daquilo a que designaria naquilo que ela tinha de mais absolutamente singular. O asco e o nojo, que marcam sua vida sexual, apresentar-se-iam aí de tal modo que essa adjetivação da relação do sujeito com o sexual parece ter se transformado em um traço de caráter e se tornado um modo de ser: repulsiva!

Podemos concluir que a psicanálise não deu acesso a uma mulher no caso Dora. Ela seguiu adiante com sua histeria, embora seja possível constatar que ela era sensível ao inconsciente, à interpretação do sintoma; ela deu sinais disso no modo como respondeu à interpretação de Félix Deutsch.

3.3 A histeria de Dora com Freud e Lacan

3.3.a As voltas e reviravoltas do caso

Em seu texto de 1951, “Intervenção sobre a transferência”, ao conceber a psicanálise como uma experiência dialética, Lacan observa a presença de “uma série de inversões dialéticas” (LACAN, 1951/1998, p. 217) que são uma escansão da posição do sujeito em relação aos seus objetos. Para ele, essas reviravoltas dialéticas são idênticas ao progresso do sujeito, isto é, à realidade do tratamento.

Ao ler o caso Dora, essas reviravoltas apresentam-se nos termos: um primeiro desenvolvimento da verdade no qual Dora se queixa de ser o objeto de uma odiosa troca e uma primeira reviravolta dialética operada a partir da pergunta feita por Freud sobre a parte que toca a ela na desordem da qual se queixa. Em um segundo desenvolvimento da verdade, aparece a participação de Dora nas relações com os parceiros do quarteto e uma segunda reviravolta, operada pela observação de Freud, de que por trás do objeto do pretensão ciúme (o pai) esconde-se um interesse pela pessoa do sujeito-rival (a Sra. K.). Um terceiro desenvolvimento da verdade no qual aparece o apego pela Sra. K., e uma terceira reviravolta dialética que, se tivesse ocorrido, mostraria o valor do objeto que era a Sra. K. para Dora, ou seja, o do mistério de sua própria feminilidade corporal.

E Lacan continua: “aparece-nos o marco em torno do qual nossa carroça tem que fazer a volta para inverter seu curso pela última vez” (LACAN, 1951/1998, p. 220), referindo-se à matriz imaginária do fantasma – “Dora, provavelmente ainda *infans*, chupando seu polegar esquerdo, enquanto com a mão direita puxa a orelha do seu irmão, um ano e meio mais velho do que ela” (FREUD *apud* LACAN, 1951/1998, p. 220). A propósito, Lacan assinala que, para Dora, a mulher seria um objeto impossível de separar de um desejo oral primitivo, no qual teria sido preciso que ela aprendesse a reconhecer sua própria natureza genital. Ele mostra que, ao não levar Dora até aí, Freud a teria deixado com “a solução que o cristianismo deu a esse impasse subjetivo, fazendo da mulher o objeto de um desejo divino ou um objeto transcendental do desejo, o que dá no mesmo” (*ibid.*, p. 220).

Temos, portanto, a opinião de Lacan sobre o que restou não analisado por Freud na histeria de Dora. Ele o diz nos termos: “o problema de sua condição está, no fundo, em se aceitar como objeto do desejo do homem” (*ibid.*, p. 221). E ele continua, referindo-se agora ao segundo sonho de Dora, aquele no qual o pai está morto e ela está às voltas com o enigma da feminilidade: “é esse o mistério, para Dora, que motiva sua idolatria pela Sra. K., do mesmo modo que, em sua longa meditação diante da Madona e em seu recurso ao adorador distante” (*ibid.*, p. 220). Podemos concluir, a partir dos comentários de Deutsch, que a solução pelo “adorador distante”, que na época em que esteve com Freud a empurrava para a solução cristã, se desfez quando ele, o adorador, foi escolhido como marido e, além de se tornar próximo, quis partilhar uma vida sexual com ela, o que colocava em risco o mistério feminino a ser preservado. Tudo indica que ela teria preferido seguir com o sorriso da Monalisa (ou da Madona!), objeto enigmático e de contemplação distante, ao invés de ter que se deslocar para a posição de uma mulher.

3.3.b O sonho da caixa de joias e o gozo da privação

Em *Seminário do Avesso*, Lacan faz uma leitura muito interessante do sonho da caixa de joias, leitura que o leva a realçar um modo de gozo na histeria.

O sonho: há um incêndio, o pai chama para correrem e a mãe demora porque precisa salvar a sua caixa de joias. Freud intervém apontando um desejo de que a joia do Sr. K. ocupasse a caixa vazia de Dora, ou seja, ele localiza o Sr. K. como um objeto do desejo sexual de Dora. Ela o nega! Em consonância com essa negação, há a cena na beira do lago na qual, depois de lhe dizer que sua mulher nada representa para ele, o Sr. K. recebe uma bofetada de Dora.

Lacan mostra, na histeria de Dora, o desdobramento da posição masculina. Por um lado, temos o Sr. K., a quem ele nomeia como “o terceiro homem”, esse cujo “órgão o torna valioso” não para que ela usufrua dele, mas “para que uma outra a prive dele” (LACAN, 1969-1970/1992, p. 89). Por outro lado, temos o pai ou o mestre castrado. Lacan insiste em que, se o Sr. K. é o objeto do desejo de Dora, o que implica a possibilidade dele complementá-la, isso é o que ela não quer. Não querer a presença do falo, passível de satisfazê-la, é o que importa para a histérica, abre-se assim o caminho para o gozo da privação. Se Dora aceitasse a joia do Sr. K. na sua caixa vazia, ela estaria privando a Sra. K.; ao contrário disso, ao fazer questão de que o Sr. e a Sra. K. permanecessem em parceria, é a Sra. K. quem lhe priva de gozar falicamente do órgão do Sr. K.

Importa que o desejo permaneça insatisfeito e o que gozo fique no regime da privação: “nada de joia, a caixa deve permanecer vazia!” Diríamos que,

de algum modo, é com o vazio da caixa que ela goza. Ironicamente, Lacan observa que ela sabe muito bem gozar por si mesma com a caixa, com o invólucro do órgão precioso. Ele evoca a masturbação infantil de Dora, que associa à enurese que ela teria herdado do seu irmão mais velho, a enurese em seu ritmo fluido e de algo que escorre (LACAN, 1969-1970/1992, p. 90).

Teríamos, pois, um diferencial da posição da histérica e da mulher. Ali aonde a histérica goza da privação, uma mulher consente em gozar. Então, o gozo seria um divisor de águas. No caso de Dora, no desdobramento da posição masculina temos, de um lado, o Sr. K. e de outro o pai castrado, um homem doente, tuberculoso, com problemas oculares e que serve bem a sua ideia de se dedicar a ele, de modo a poder repará-lo. Lacan dirá: “esta é a única coisa que lhe importa, e é por isso que, identificando-se com o drama do amor, ela se esforça, quanto a este Outro, em reanimá-lo, reassegurá-lo, recompletá-lo, repará-lo” (LACAN, 1960-1961/1992, p. 243). Essa ideologia de reparação é clássica: ela encontra muitas das históricas freudianas como enfermeiras à beira da cama do doente. No pano de fundo: um gozo da privação!

Se, em Dora, a posição masculina se desdobra, esse não é o caso da Espirituosa Açougueira, em cujo caso o objeto masculino não está desdobrado, um só homem encarna a potência e a castração, tal como indica Soler (1993/1995, p. 152). Em vista disso, a manobra da espirituosa açougueira é a de pedir ao marido que não lhe dê tudo, que guarde um pouco. Ela precisa de um tanto de insatisfação para que o desejo permaneça. Assim, ela se priva de ter o salmão, de que tanto gosta, de modo a introduzir uma falta e a manter o próprio desejo insatisfeito. E isso, sem deixar de perguntar sobre o desejo de seu marido: o que lhe teria agradado na sua amiga magra, essa que ela não quer ajudar a engordar, já que ele gosta de mulheres mais cheinhas?

Frente à liberação sexual que atravessa os costumes sexuais de nossa época, sempre há quem diga que essas questões das históricas freudianas da época vitoriana não se apresentam mais para os sujeitos contemporâneos. Quanto a isso, cabe dizer que a questão central não é exatamente se o sujeito está mais ou menos reprimido no tocante ao sexual, embora isso, sem dúvida, não seja indiferente. O que nos interessa são os vários modos dos quais as históricas se servem para fazer o movimento de esquiva, para se privar, para manter insatisfeito o desejo etc. Com relação a isso, é paradigmático o caso da menina que, apesar de transar com vários homens, continuava a se considerar virgem. A virgindade aqui diz da posição do sujeito em relação ao falo e à castração. Quanto a isso, ela se considerava íntegra e, fantasmaticamente, ela o era. Dessa posição fantasmática, ela escapava ao homem, mantendo a fantasia

da feminilidade como uma essência intocada, como um mistério inatingível pelo gozo fálico de um homem. O corpo estava ali, mas ela estava alhures; com uma bela indiferença, ela mantinha uma espécie de reserva fálica. Esse mistério, essa reserva, é o que uma mulher coloca em jogo e, até mesmo, consente em perder ao se deslocar da posição de histérica para a posição de uma mulher (MILLOT, 1988/1989, p. 80).

A propósito, Lacan observa que, aquilo “que está em jogo no saber sexual se apresenta como inteiramente estranho ao sujeito” (LACAN, 1969-1970/1992, p. 87). Portanto, que as histéricas contemporâneas sejam mais desinibidas, não é o ponto central. O que está em jogo, e entra em cena produzindo sintomas e outros mal-estar, é a presença desse algo não-sabido com relação ao sexual. Em geral, ele é o índice do modo como o sujeito simbolizou, ou não, o impossível da relação sexual, bem como as questões relativas aos seus modos de gozo.

3.4 Do Discurso da Histérica ao Discurso do Analista: o fantasma da histérica

Se considerarmos, com Lacan, que as histéricas deram de bandeja a Freud o Édipo e o inconsciente, ao operarmos analiticamente instalados no discurso histórico, colocamos o dispositivo em funcionamento, mas haverá aí uma preferência dada em tudo ao simbólico, algo ao qual Lacan não deixou de aludir como uma “maluquice psicanalítica” (1977/2007, p. 17). O campo do gozo ou do real permanecerá desconectado, vigorando o interminável da dimensão significante. Em outros termos, nessa posição privilegia-se levar o saber ao lugar da verdade (a/S_2), e a verdade do saber é a castração.

Como seria uma direção de tratamento que operasse apenas na direção de levar o saber ao lugar da verdade? Seria uma direção que estaria insistentemente sinalizando a falta e o desejo. Na medida em que falta aquela última palavra, que, se existisse, fecharia o universo significante ($S(A)$), surge a impossibilidade de se dizer a última palavra. Então, uma análise conduzida histericamente ou edipianamente ficaria operando com o S_2 no lugar da verdade e acabaria topando com a inveja do pênis e o protesto viril, ou seja, com o assim denominado rochedo da castração. Nesse sentido, se ficamos apenas no giro que leva do Discurso do Mestre, discurso do inconsciente, ao Discurso da Histérica, permanecemos na vertente do amor à verdade, operando com o desejo e a falta e, provavelmente, produzindo reações históricas conectadas ao gozo da privação, na medida em que algo do gozo ou do real não teria sido reequacionado.

Aqui acho interessante observarmos que, para que o Discurso da Histérica gire um quarto de volta e encontre o Discurso do Analista, no qual o objeto funciona como agente, é preciso que isso gire de tal modo que aquilo que estava recalcado, e não sabido pelo sujeito sobre a sua própria sexualidade ($\$/a$), possa ter sido tratado de modo a que o sujeito histérico possa se prestar a fazer semblante de objeto para um outro (a/S_2). A questão seria, então, a passagem do discurso histérico, que é o discurso analisante, ao Discurso do Analista. A meu ver, para que isso ocorra é preciso tratar o fantasma da histérica, o que permitiria ultrapassar a impotência que mantém separado o saber, S_2 , do objeto a na linha inferior do Discurso da Histérica ($a // S_2$).

Ao mencionar o fantasma da histérica Dora, Lacan não se refere àquela cena infantil na qual está em jogo o objeto oral, mas à estratégia com a qual ela se enlaça à Outra. Se pensarmos nos termos do fantasma $\$ \Leftrightarrow a$, de um lado está o sujeito ($\$$) e do outro lado o objeto (a), de tal modo que o sujeito está alienado e separado, está em conjunção e disjunção com o objeto que lhe causa o desejo e que lhe restitui algo do gozo.

Se tomássemos apenas a cena infantil de Dora, a cena da menina chupando o próprio dedo, enquanto brinca com a orelha do irmão, um ano e meio mais velho, essa posição fantasmática poderia ser escrita com a fórmula convencional do fantasma $\$ \Leftrightarrow a$. Temos aí, como sugere Serge André (1986/1987, p. 148-149), o momento em que Dora encontra em seu irmão sua primeira identificação masculina. Nessa cena, ela mantém com ele uma relação que se poderia dizer “sexual”, cuja especificidade é de ter sido construído sob um gozo de tipo oral. Nessa cena infantil, qual é o lugar de Dora? Ela é menina gozando de sua oralidade e provocando o desejo do menino, sentado tranquilamente ao lado dela. Mas também poderíamos dizer que ela está identificada com o menino, chupando a menina nela e perguntando o que pode ser a relação do menino a uma menina concebida como um objeto oral. Vemos aí claramente o que é a posição da mulher enquanto objeto no desejo masculino: ela é nada mais do que um objeto que serve ao gozo oral. A pergunta que isso suscita é o que se torna uma mulher se a relação de um homem a uma mulher se reduz à relação de um homem ao seio enquanto protótipo do gozo oral (ANDRÉ, 1986/1987, p. 148-149).

Com isso, chegamos a uma localização do modo de gozo de Dora. Ela é uma menina que chupou dedo até os 4 anos. Seu pai chegou a dar a ela o apelido de “a pequena chupadora”; esse gozo oral será marcante na sua história clínica. Portanto, o objeto em jogo aí, que divide o sujeito, inclusive enquanto homem e mulher, é o objeto oral. Lacan mostra como, apesar de rastrear a

trilha dos significantes orais marcantes no caso – a afonia na presença a sós com a Sra. K., a tosse como traço identificatório ao pai, o *cunnilingus* do pai na Sra. K. etc. –, Freud não chega a lhes dar a devida importância. Em que pese isso, Lacan escreve de modo específico o fantasma da histérica, de modo a mostrar que não há aí uma afânise do sujeito diante da presença do objeto enquanto pequeno a, ou seja, do objeto enquanto oral. Isso ocorre porque o que mobiliza a histérica não está exatamente no campo do objeto parcial, o Outro lhe interessa não exatamente a partir de um objeto parcial que pudesse lhe servir ao gozo, mas enquanto Outro absoluto. Ela se interessa pelo Outro absoluto justamente para que possa lhe mostrar a falta, mostrar que ele não é absoluto, ou seja, para que possa, ela mesma, operar a castração.

Figura 10: Fantasma da Histérica

$$\begin{array}{c} \underline{a} \diamond A \\ -\phi \end{array}$$

Fonte: LACAN (1960-1961/1992, p. 244)

No fantasma da histérica (Fig. 10), do lado do sujeito (\$) temos a identificação a um objeto (a) que tampona a castração (-φ). Temos Dora identificada ao Sr. K. enquanto pequeno outro (a) para, com isso, tamponar sua própria falta (-φ), tendo em vista a Sra. K. na posição de Outra absoluta (A). Enquanto ela não esgotar o que foi buscar nessa Outra, ou seja, um saber sobre o mistério da feminilidade, ela tenderá a produzir mestres para lhes apontar a falta, ela lhes suscitará o desejo para, em seguida, se lhes esquivar.

3.5 Uma mulher como falo, objeto e sintoma no desejo masculino

Na teoria lacaniana uma mulher ocuparia três lugares possíveis no desejo de um homem: o do falo, do objeto e do sintoma. Sobre a mulher enquanto falo do homem, temos um exemplo muito interessante no seminário *O desejo e sua interpretação*, daqui em diante denominado *Seminário do Desejo*, no sonho do paciente de Ella Sharpe. Lacan (1958-1959/2016) o evidencia mostrando a sutileza de um ato falho do sujeito ao dizer: “Estava fazendo uma viagem com minha mulher ao redor do mundo” (p.161); ele não diz “Estava fazendo uma viagem em volta do mundo com minha mulher” (p.162). Lacan destaca, na leitura sutil e fina que faz do enunciado do paciente, o valor fálico que tem esta mulher para este sujeito.

A posição de objeto no desejo do Outro nós a detalhamos muito no caso de Dora. E, por fim, temos a mulher na posição de sintoma para o homem, de consentir, ou não, em ser sintoma de um outro corpo, ponto sobre o qual retornaremos posteriormente.

Já a tese de que “a histérica não é uma mulher” nos convoca a localizar alguns dos modos como uma mulher está apresentada no ensino de Lacan. Podemos acompanhá-la desde 1951, no texto “Intervenção sobre a transferência”. Nessa altura, a histérica não é uma mulher porque não aceita a posição de objeto no desejo masculino; portanto, o implícito aí é que uma mulher é aquela que aceita a posição de objeto no desejo masculino.

No seminário *As psicoses*, Lacan (1955-1956/1985) diz que falta o significante da mulher. No lugar em que deveria haver o significante da mulher existe um furo, uma ausência. A histeria seria um modo de contornar o encontro que o sujeito faz com esse furo, com essa ausência. Ela o contorna identificando-se ao homem. A identificação masculina seria, portanto, uma saída para a angustiante constatação de que uma mulher pode ser definida a partir de um furo, de uma ausência.

No seminário *A transferência* (1960-1961/1992), daqui em diante denominado *Seminário da Transferência*, Lacan faz a escrita do fantasma da histérica. Aí, se o sujeito se apresenta enquanto objeto ou enquanto castrado, ou seja, se apresenta a partir de um menos, no outro campo há um mais, encarnado na figura de uma Outra não-barrada ($a/-\varphi \rhd A$). Escrevemos assim a relação da histérica com a mulher idealizada, uma mulher sem barra. Com isso, a histérica seria aquela que quer nada menos que A mulher; como ela não existe, ela não se contenta com a posição de uma mulher.

No *Seminário do semblante* (1971/2009), a histérica está localizada do lado Homem das fórmulas da sexualização, enquanto o acesso a uma mulher implicaria ir até o lado Mulher, experimentando o não-toda fálica.

No *Seminário Mais, ainda* (1972-1973/1982), a histérica fecha o círculo em torno do gozo pela via do falo, enquanto uma mulher introduz aí o mais-além, abrindo para o gozo suplementar. E, finalmente, em “Joyce, o sinthoma” (1975/2007), a formulação de Lacan é a de que uma mulher é sintoma de um outro corpo e que, se isso não acontece, ela permanece com o chamado sintoma histérico, ou seja, só lhe interessa um outro sintoma.

Essas posições, que nos dizem da localização da mulher em relação ao desejo de um homem, deixam em aberto a verificação das soluções propriamente femininas em relação ao amor, ao desejo e ao gozo, questões que nos

recolocam diante da passagem da histeria à feminilidade. Se a análise de Dora não lhe deu acesso a uma mulher, este encontro, este consentimento a uma posição não-toda fálica, atestada pelo encontro com a feminilidade, é testemunhado por algumas analistas a partir da sua experiência de final de análise. Vamos nos referir a um testemunho de passe apresentado em uma *Soirée de la Passe* ocorrida na École de la Cause Freudienne em janeiro de 2019, *Soirée* que teve como tema exatamente a irrupção do feminino. Como é um testemunho ainda não publicado, vamos nos referir a ele a partir de anotações pessoais e sem identificar a analista, o que obviamente ocorrerá posteriormente, por ocasião da publicação da *Soirée*.

3.6 Histeria e irrupção da feminilidade

O título que apresenta a feminilidade, no caso desta *Soirée de la passe*, não deixa de ser inusitado: “Irrupção do feminino”. O termo “irrupção” diz da entrada impetuosa e súbita de algo; de um transbordamento de um rio, do mar; de uma entrada brusca. Associado ao feminino, ele sugere, de início, que o feminino não está presente desde o nascimento. Por isso mesmo, pode-se indagar, como fez uma das analistas testemunhantes, se o feminino surge de surpresa, de modo inadvertido; se ele surge em um momento específico da existência ou de modo intermitente; se surge relacionado ao masculino ou além; complementando-o ou em suplência a ele?

Ao se referir a essa irrupção, Dalila Arpin (2019), responsável pela apresentação do tema no *folder* de divulgação on-line do evento, assinalou a existência de uma só libido, masculina, bem como de apenas um significante, o Falo, para designar os seres sexuais, o que faz com que o feminino seja de difícil apreensão, tanto para os homens quanto para as mulheres. Como não há uma representação do feminino no inconsciente, o Outro Sexo é sempre o feminino, tanto para homens quanto para as mulheres. Impossível de ser representada por um significante, a feminilidade indexará um gozo ilimitado, além-do-falo, com o qual Lacan configurará suas últimas elaborações sobre o gozo.

Ao testemunhar sobre suas experiências de análise pessoal levadas até ao fim, essas mulheres, nomeadas como Analistas da Escola (AE), nos mostram as estratégias das quais se serviam para obstaculizar a feminilidade e de que forma ela irrompeu em suas análises, permitindo-lhes não apenas acolhê-la, mas também se virar com ela.

Reporto-me agora ao testemunho de uma delas para a qual a irrupção do feminino era obstaculizada, de um lado, pela posição maternal e, de outro, pela histeria.

O obstáculo materno à feminilidade constituiu-se na medida em que, da posição maternal a analisante respondia à privação pela vertente do ter, ter o falo. Assim, identificada à posição masculina, ela tamponava e evitava o encontro com o Outro sexo. Na singularidade dessa analisante encontramos seu devaneio infantil de ter 14 filhos e um sintoma na vida adulta: uma incapacidade de engravidar. Uma interpretação do analista – “Você não pode ser mãe porque você é toda-mãe, inclusive do seu marido!” – lhe permitiu não apenas perceber a lógica presente na sua escolha conjugal, bem como se separar dela. No romance familiar, a dimensão agalmática da posição feminina sempre estivera ligada ao casamento e à maternidade, e isto para escapar ao fantasma da moça velha, triste e abandonada.

A histeria fez obstáculo à feminilidade desde a infância, pela identificação a uma posição masculina: demandava ser chamada pelo seu prenome no masculino; rejeitava as atividades de menina, preferindo as de meninos; preferia a companhia dos meninos e queria estar nas suas festas. Na adolescência, frente à queixa materna de não ser escutada pelo pai, ela se fez de “mulher biônica” que, com sua superescuta, se situava falicamente como complemento do gozo materno. A histeria lhe permitiu também encarnar o buraco imputado ao Outro masculino para ser o falo, isto é, lhe permitiu encarnar o que faltava ao Outro paterno, ou seja, a escuta.

Supondo ter sido um menino o desejo do pai, ela dava corpo também ao filho e se exercitava nas atividades do campo paterno, até descobrir que, tal como nas festas dos meninos na infância, o escritório do pai fazia parte de um mundo de homens, que lhe estava interdito. O interesse pelo pai no que ele tinha de sintomático lhe rendeu um sintoma: padecia de insônia, tal como ele. Quanto à posição feminina, ela se apresentava pela mascarada e a exercia através de uma série de conquistas, sobre as quais o analista lhe disse: “É isso aí, a carreira de sedutora, você já a tem!” Abriu-se aí a passagem para o encontro com aquele que se tornou seu parceiro de vida.

Identificando-se ao sintoma do pai, tomou sua mulher, ou seja, sua mãe, como sendo adornada com todos os atributos possíveis e lhe deu o lugar da Outra mulher da histérica: ela era aquela que sabia... se virar com a casa, sua coqueteria, sua elegância, sua posição de mulher cultivada, única nas duas famílias a trabalhar!!! Posteriormente, a melhor amiga, aquela que sabia se virar com os garotos, fará a função da Outra da histérica, daquela à qual é atribuído um suposto saber.

Assim como a travessia da posição maternal produziu uma disjunção entre a mãe e a mulher, a travessia da posição histérica produziu uma disjunção

entre o desejo e a vontade. Tendo tomado a forma de um desejo de saber o que queria, na posição histórica ela confundia o desejo com a vontade. Assim, a frase familiar sobre o seu nascimento, “nós te esperamos por quatro anos”, deixou nela a marca da precipitação histórica. Com isso, ela se fazia escrava de uma pulsão acéfala, permanecendo insatisfeita. Com a análise, produziu-se um acordo e não apenas uma disjunção entre o desejo e a pulsão, tal como assinalado por Estela Solano (2001) no artigo “Vouloir ce qu'on désire”, abrindo-se a via de uma nova posição do sujeito em relação ao desejo, aquela de querer o que desejava.

A irrupção do feminino, neste caso, está associada a três momentos diferentes. De início, pela surpresa produzida pela interpretação do analista sobre sua posição de mestria. Isso deu lugar à contingência marcada no encontro, além de qualquer cálculo, com o seu parceiro de vida.

Uma segunda irrupção vai lhe permitir experimentar a maternidade com alegria, posto que exercida como Outro do Amor, a partir da qual ela dá o que não tem. Um sonho trouxe a frase “a gramática é não-toda” e a conduziu à “*grande-mère*”, à sua avó, à “toda-mãe”, posição com a qual, através do S_1 *mère* (mãe), ela havia se identificado para obstaculizar o encontro com o feminino.

Finalmente, uma vez que o saber sempre tinha tido um valor fálico, a queda do Sujeito suposto Saber deu lugar à aparição do gozo feminino. Um sonho sinalizou essa passagem: o analista-supervisor estava assentado na poltrona do seu pai. Enquanto ela lhe falava de um caso, uma porta se abriu e uma professora passou com as crianças de uma escola e saiu por uma porta. Quando ela tentou retomar o fio do caso, o analista-supervisor tinha desaparecido. Outra porta se abriu e ela viu que o analista-supervisor e a poltrona tinham sido engolidos pelo chão. Segue-se a este sonho um afeto de estranheza (*étrangété*) e um fenômeno de corpo a invadiu.

Aceitar ser Outra para ela-mesma foi um efeito crucial de sua análise. Seu parceiro nomeou esta nova posição como “a deslocada” (*la décalée*), posição que transformou o “se fazer esperar” em “não estar lá onde é esperada”. Isso arejou o tédio, afeto gerado pelo Um, acrescentando-lhe Outro em menos. Aqui é interessante lembrar que Lacan apresenta o tédio (*ennui*) como um anagrama do Uniano (*Unien*), ou seja, como resultante da união do Outro e do Um. Desfeita a união do Um com qualquer coisa que engloba ou faz relação, ele surge no estatuto de *sinthoma* e designa aquilo que faz a singularidade absoluta do *falasser*.

Neste caso, a solução *sinthomática* se mostra no humor como remédio contra a tristeza: desde pequena ela surpreendia seus próximos contando piadas que sabia de cor; depois da análise essa solução se fez aliada da contingência do encontro e desarticulou a mestria fálica. Tornou-se assim uma janela para o desejo do analista, do qual Lacan (1964-1965) pôde dizer em *Seminário Problemas Cruciais* (Lição de 19.05.1965) que ele é feito de uma cumplicidade aberta à surpresa.

Tornar-se Outra para ela mesma, como o é para o homem – tese apresentada por Lacan (1960/1998, p. 741) nas suas “Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina” –, abre a via da feminilidade para a histérica. Ao pretender garantir um lugar como objeto no fantasma do parceiro, ela não apenas obstaculiza como cria uma falsa solução para a feminilidade. A verdade da posição feminina não seria, pois, a de se constituir como objeto no desejo de um homem, mas a de ser Outra, tanto para ela quanto para o homem, seu parceiro. Ser Outra para ela mesma implica na passagem do Um da completude, que o todo-fálico garante, ao Outro da divisão do sujeito, ao Outra do não-toda.

Referências

- ABRAHAM, N.; TOROK, M. *Le verbier de l'Homme aux Loups*. Paris: Flammarion, 1976.
- ABRAHAM, K. (1908) The psycho-sexual differences between hysteria and Dementia. In: _____. *Selected Papers of Karl Abraham, M.D.* London: Hogarth Press, 1927. p. 64-79.
- _____. (1910) Hysterical dream-states. In: _____. *Selected Papers of Karl Abraham, M.D.* London: Hogarth Press, 1927. p. 80-124.
- ANDERSON, O. *Freud, precursor de Freud*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- ANDRÉ, S. (1986) *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1987.
- ALVARENGA, E. Las mujeres y la violencia de nuestro tiempo. *Bitácora lacaniana, revista de psicoanálisis de La Nueva Escuela Lacaniana – NEL*, Buenos Aires, Gramma Ediciones, n. 3, p.145-154, out. 2014.
- ANZALONE, E. *A histeria contemporânea: sintomas, discurso e lugar social*. 2015. 217f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Belo Horizonte, 2015.
- ARPIN, D. (2019) “Irruption du féminin”. Soirée de la passe nº2, mardi 22

janvier 2019. Disponível em: <<http://www.causefreudienne.net>>. Acesso em 20 jan.2019.

BERTHA PAPPENHEIM. Wikipedia. Disponível em: <<https://em.m.wikipedia.org>>. Acesso em: 05 jan. 2019.

BOILLOT, H. Introduction. In: _____. *Le Petite Larousse de la Philosophie*. Paris: Larousse, 2007. p. V-IX.

BORCH-JACOBSEN, M. *Souvenirs d'Anna O. Une mystification centenaire*. Paris: Aubier, 1995.

BRIDA, G.V.P.; MELLO NETO, G.A.R. A histeria nas revisões do caso Emmy von N.: contribuições para a história da psicanálise. *Memorandum*, n. 28, p. 36-54, 2015. Disponível em: <seer.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6312>. Acesso em: 05 jan. 2019.

BROUSSE, M.-H. (1997) Hysteria and sinthome. Disponível em: <http://londonociety-nls.org.uk/Publications/003/Brousse-Marie-Helene_Hysteria-and-Sinthome.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2019.

_____. L'homosexualité féminine au pluriel ou quand les hystériques se passent de leurs hommes de paille. In: HARRISON, S. *Elles ont choisi: les homosexualités féminines*. Paris: Editions Michèle, 2013. p. 21-35.

BRUNO, P. A histeria masculina. *Curinga*. Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Minas Gerais, Belo Horizonte, n. 9, p. 138-153, abr. 1997.

_____. (1975) *Portrait of Dora. Selected Plays of Hélène Cixous*. Ed. Eric Prenowitz. London: Routledge, 2004. p. 27-67.

CASTRO, S. (2018) A sintomatização das categorias analíticas. In: BRISSET ET al. *A cidade com Lacan – Cinema e literatura: o feminino, seus corpos e mundos*. Belo Horizonte: EBP. p. 305-308.

COTTET, S. Actualité du corps hystérique. *Quarto*. Revue de psychanalyse publiée em Belgique, n. 114, p. 17-21, 2016.

DEUTSCH, F. (1957) Una nota a pie de página al trabajo de Freud “Análisis fragmentario de una histeria”. *The Psychoanalytic Quarterly*, 1957, XXVI. Versión española en *Revista de Psicoanálisis*, año 27, n. 3, p. 595, 1970.

DOUCET, C. Um sinthoma existencial. *Opção Lacaniana*. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, n. 75/76, p. 133-137, maio 2017. p.133-137.

ELLENBERGER, H.F. L'histoire d'“Anna O.”: Étude critique avec documents nouveaux. *L'évolution Psychiatrique, Cahiers de Psychologie Clinique et de Psychopathologia Générale*, Tome XXXVII-Fascicule IV, p. 693-717, Oct./Déc. 1972.

_____. (1970) *The discovery of the unconscious. The history and evolution of Dynamics Psychiatry*. USA: Basic Books, 1970.

FAJNWAKS, F. (2013) Cultures queer: alterité et homosexualités. In: HARRISON, S. *Elles ont choisi: les homosexualités féminines*. Paris: Editions Michèle. p. 95-116.

_____. (2018). Anotações pessoais.

FERREIRA, A.B.H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Verbetes. “Consumo”. “Consumição”. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s.d.

FOUCAULT, M. (1969/2006) O que é um autor? In: _____. *Estética: literatura, música e cinema*. Org. e seleção de textos: Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 264-299.

FREEMAN, L. *The story of Anna O*. New York: Walker and Company, 1972.

FREUD, A. (1922) Fantasma d'être battu et reverie. In: HAMON, M.-C (dir.), *Féminite Mascarade*. Paris: Seuil, 1994. p. 57-75.

FREUD, S. (1886) Observação de um caso grave de hemianestesia em um homem histérico. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 55-67. (Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 1.)

_____. (1893-1895) *Estudos sobre a histeria*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 11-308. (Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 2.)

_____. (1901-1905) *Fragmento da análise de um caso de histeria*. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 1-122. (Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 7.)

_____. (1909) Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 13-156. (Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 10.)

_____. (1914/1974) Sobre o narcisismo: uma introdução. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 85-119. (Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 17.)

_____. (1920) A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 183-214. (Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 18.)

_____. (1921) Psicologia de grupo e análise do ego. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 89-182. (Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 18.)

_____. (1928) *Dostoiévski e o parricídio*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 203-223. (Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 21.)

_____. (1923) *Uma neurose demoníaca do século XVII*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 87-136. (Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 19.)

GODOY, C. Histérico perfecto. *Mediodicho*. Revista Anual del Psicoanálisis, Córdoba, n. 43, p. 39-42, oct. 2017.

GODOY, C.; MAZZUCA, R.; SCHEJTMAM, F. (2012) El amor al padre y La estabilidad en la primera enseñanza de Lacan. In: SCHEJTMAM, F.

Elaboraciones lacanianas sobre la neurosis. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2014. p. 263-268.

GOROSTIZA, L. Prólogo. In: Colégio Epistemológico y Experimental. *Apuntes para una epistemología psicoanalítica*. Buenos Aires: Instituto Clínico de Buenos Aires, 2003. p. 9-13.

GUTTMANN, M.G. *The enigma of Anna O. A biography of Bertha Pappenheim*. Wickford, Rhode Island & London: Moyer Bell, 2001.

HANNS, L. (1996) Verbete Domínio, Amansamento, Domação: *Bändigung*. In: _____. *Dicionário Comentado do Alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996. p. 183-189.

HARARI, R. *Como se chama James Joyce? a partir do seminário Le Sinthome de J. Lacan*. Salvador: Ágalma; Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 2002.

INDART, J.C. Primera Noche. Introducción. In: _____. INDART, J.C. ... [et al.]. *De la histeria sin nombre del padre*. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2014. p. 9-26.

KUCINSKAS, A. Dans une tribune, cent femmes, dont Catherine Deneuve, dénoncent #balancetonporc. *L'Express*, Paris, 9 jan. 2018. Disponível em: <https://www.lexpress.fr/styles/vip/dans-une-tribune-cent-femmes-dont-catherine-deneuve-denoncent-balancetonporc_1974501.html>. Acesso em: 9 jan. 2019.

LACAN, J. (1955-1956) A questão histórica. *O seminário*, livro 3: *As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p. 185-197.

_____. (1956-1957) *O seminário*, livro 4: *A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

_____. (1958-1959) *O seminário*, livro 6: *O desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2016.

_____. (1959-1960) *O seminário*, livro 7: *A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.

_____. (1960-1961) *O seminário*, livro 8: *A transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

_____. (1964) *O seminário*, livro 11: *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.

_____. (1964-1965) *O seminário*, livro 12: *Problemas cruciais para a psicanálise*. (Inédito)

_____. (1966-1967) Lição de 10 de maio de 1967. In: LACAN, J. *O seminário*, livro 14: *A lógica da fantasia*. (Inédito)

_____. (1968-1969) *O seminário*, livro 16: *De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

_____. (1969-1970) *O seminário*, livro 17: *O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

- _____. (1971) *O seminário*, livro 18: *De um discurso que não fosse do semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- _____. (1971-1972) *O seminário*, livro 19: *...ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012.
- _____. (1972-1973) *O seminário*, livro 20: *Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1982.
- _____. (1973-1974) *Le séminaire*, livre 21: *Les non-dupes errent*. Inédito.
- _____. (1974-1975) *O seminário*, livro 22: *RSI*. Inédito.
- _____. (1975-1976) *O seminário*, livro 23: *O Sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- _____. (1976-1977) *O seminário*, livro 24: *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. Inédito.
- _____. (1951) Intervenção sobre a transferência. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 214-225.
- _____. (1952) *O mito individual do neurótico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. p. 9-44.
- _____. (1954) Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a 'Verneinung' de Freud. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 383-401.
- _____. (1957) A psicanálise e seu ensino. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998a. p. 438-460.
- _____. (1957) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998b. p. 496-533.
- _____. (1958) A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998a. p. 591-652.
- _____. (1958) A significação do falo. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998b. p. 692-703.
- _____. (1958) Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: "Psicanálise e estrutura da personalidade". In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998c. p. 653-691.
- _____. (1959) De uma questão preliminar ao tratamento possível da psicose. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 537-590.
- _____. (1960) Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 734-745.
- _____. (1967) Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 248-264.
- _____. (1970) Radiofonia. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 400-447.
- _____. (1972) *Estou falando com as paredes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,

2011, p. 71-103.

_____. (1973) O aturdido. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 448-497.

_____. (1974) Du discours psychanalytique. In: *Lacan in Italia*. Milão: La Salamandra, 1978. p. 32-55.

_____. (1974) La tercera. *Actas de La Escuela Freudiana de Paris*. Madrid: Ediciones Petrel, 1980. p. 159-186.

_____. (1974) Prefácio a *O despertar da primavera*. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 557-559.

_____. (1974) *Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

_____. (1975) Joyce, o Sintoma. In: _____. *O seminário*, livro 23: *O Sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007. p. 157-165.

_____. (1976) *Nomina non sunt consequentia rerum*. *Opção Lacaniana*. *Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo, n. 28, p. 6-11, jul. 2000.

_____. (1979) Joyce, o Sintoma. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 560-569.

_____. (1977) Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 567-569.

_____. (1977) *Propos sur l'hysterie*. Intervention de Jacques Lacan à Bruxelles. *Quarto*, 1981, n. 2. (Considerações sobre a histeria. *Opção Lacaniana*. *Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo, n. 50, p.17-22, dez. 2007. // *Propos sur l'hysterie*. *Pas-tout Lacan*. Disponível em: <<http://www.ecole-lacanienne.net/>>. Acesso em: 05 jan. 2019.)

_____. (1978) 9º Congrès de L'École Freudienne de Paris sur "La transmission". *Pas-tout Lacan*. Disponível em: <<http://www.ecole-lacanienne.net/>>. Acesso em: 03 jan. 2019. (Parues dans les *Lettres de L'École*, v. II, n. 25, p. 219-220, 1979.)

LANCE, F. (2018) Soy hija de un aviador de los vuelos de la muerte. Disponível em: <www.elcohetecalaluna.com>. Acesso em: 10 jan. 2019.

LAURENT, E. Lacan, herético. *Correio*. Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, São Paulo, n. 70, p. 43-55, dez. 2011.

_____. (2012) Falar com seu sintoma, falar com seu corpo. In: *Textos do VI Enapol*, p. 10-20, 2013. Disponível em: <www.enapol.com/pt/Textos.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2019.

_____. Les homosexualités féminines au-delà de L'Œdipe. In: HARRISON, S. *Elles ont choisi*: Les homosexualités féminines. Paris: Editions Michèle, 2013. p. 7-19.

_____. (2014) Conferencia "El Sinthome". *Consecuencias*, Revista Digital de Psicoanálisis, Arte y Pensamiento, Buenos Aires, n. 13-14, nov. 2014. Disponível em: <http://www.revconsecuencias.com.ar/ediciones/014/template.php?fi>

le=arts/Derivaciones/Conferencia-El-Sinthome.html. Acesso em: 8 jan. 2019.

_____. (2015) “L’inconscient, c’est la politique”, aujourd’hui. *Lacan Quotidien. Publicação Virtual de L’École de la Cause Freudienne*, 518. Disponível em: www.lacanquotidien.fr/. Acesso em: 7 jan. 2019.

_____. (2017) Gênero e gozo. *Curinga*. Revista Escola Brasileira de Psicanálise- Seção Minas, n. 44, p.18-33, jul./dez. 2017.

_____. (2018) Éric Laurent: Sobre a queda do falocentrismo. Disponível em: <https://m.youtube.com>. Acesso em: 10 jan. 2019.

LAURENT, É.; ANSERMET, F. Deuxième partie: Éric Laurent commente le Séminaire XXIII “*Le Sinthome*” de Jacques Lacan. 2012. Disponível em: <https://lecturesfreudiennes.wordpress.com/2013/03/24/transcription-eric-laurent-et-francois-ansermet-seance-du-07-juillet-2012-du-sinthome-second-partie>. Acesso em: 11 jan. 2019.

LEAGUE OF JEWISH WOMEN (Germany). Wikipedia. Acesso em: 13 jan. 2019.

LEIRIS, M. (1939) Glossaire, j’y serre mes gloises. In: _____. *Mots sans mémoire*. Paris: Gallimard, 1969. p. 37-131.

LE MONDE. Nous défendons une liberté d’importuner, indispensable à la liberté sexuelle. Publiée 09 jan. 2018. Disponível em: https://www.lemonde.fr/idees/article/2018/01/09/nous-defendons-une-liberte-d-importuner-indispensable-a-la-liberte-sexuelle_5239134_3232.html. Acesso em: 6 jan. 2019.

LISPECTOR, C. *A mulher que matou os peixes*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1977.

MAGAZINE LITTÉRAIRE, (Le Nouveau). Numéro Special: *D’Antigone à #MeToo*. n. 2. Fév. 2018.

MALEVAL, J.-C. (1981) *Locuras históricas y psicosis disociativas*. Buenos Aires: Paidós, 2005.

MANNONI, O. Ya lo sé, pero aun así... In: _____. *La outra escena*. Claves de lo imaginário. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1969. p. 9-27.

MARTORANO, J.T. The psychopharmacological treatment of Anna O. In: ROSENBAUM, M.; MUROFF, M. *Anna O. Fourteen Contemporary Reinterpretations*. New York: Macmillan, Inc & London: Collier Macmillan Publishers, 1984. p. 85-100.

MATUSEVICH, J.E.; MAESO, G.L.L.; MOLINA, O.G. *Conversaciones sobre El ser y el Uno*. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2016.

MAZZUCA, R. (2012) Los excesos de la histeria. In: SCHEJTMAN, F. *Elaboraciones lacanianas sobre la neurosis*. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2014. p. 97-105.

MEIRELLES, C.E.F. Sintoma social e a emergência do PCC. *Stylus*. Revista de Psicanálise, Rio de Janeiro, n, 31, p. 145-158, out. 2015. Disponível em:

<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/stylus/n31/n31a15.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

MENARD, A. (2012) Da histeria masculina ao 'empuxo-à-mulher' da psicose. *Clínica Diferencial da histeria e da psicose. Opção Lacaniana online* nova série, São Paulo, ano 6, n. 17, p. 1-10, jul. 2015. Disponível em: <http://www.opcao-lacaniana.com.br/pdf/numero_17/Da_histeria_masculina.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2019.

MESLÉE, V.M. (2018) Jean-Claude Milner: Où va #Metoo?. *Le Point*, Paris, 10 ago. 2018. Disponível em: <https://www.lepoint.fr/culture/jean-claude-milner-ou-va-meetoo-10-08-2018-2242822_3.php>. Acesso em: 17 jan. 2019.

MILLER, J.-A. (1988) Sobre a clínica psicanalítica. In: _____. *Lacan elucidado*. Palestras no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997. p. 302-328.

_____. (1985-1986) *Extimidad*: Los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller. Buenos Aires: Paidós, 2010. p.100-106..

_____. (1995-1996) Inanidades sonoras. In: _____. *La fuga del sentido*: Los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller. Buenos Aires: Paidós, 2012. p. 71-97.

_____. (1997) *Os casos raros, inclassificáveis da clínica psicanalítica*. A convocação de Arcachon. São Paulo:BFP, 1998.

_____. (2001) A arte do diagnóstico: o rouxinol de Lacan. *Cartas de Psicanálise*. Boletim da Escola Brasileira de Psicanálise-SP, ano 10, n. 5, p. 19-32, out./nov. 2003.

_____. (2004) Uma fantasia. *Opção Lacaniana. Revista Brasileira Internacional*, São Paulo, n. 42, p. 7-18, fev. 2005.

_____. (2006-2007) *El ultimísimo Lacan*. Buenos Aires: Paidós, 2013.

_____. (2008) Clínica del Sinthome. In: _____. *Sutilezas analíticas*. Los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller. Buenos Aires: Paidós, 2011. p. 83-96.

_____. *L'être et l'Un*. Cours de Jacques-Alain Miller. 2011c. Inédito.

_____. Contracapa de *O seminário*, livro 19: ...ou pior. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012. (Seminário realizado em 1971-1972.)

_____. (2017) Heresia e ortodoxia. *Opção Lacaniana. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo, n. 78, p. 36-46, fev. 2018.

MILLET, C. (2018) Coautora de manifesto contra o #MeToo, Catherine Millet, dá palestra em São Paulo. *Folha de S.Paulo*, 4 jul. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/07/coautora-de-manifesto-contra-o-metoo-catherine-millet-da-palestra-em-sao-paulo.shtml>>. Acesso em: 05 jan. 2019.

MILLOT, C. (1988) *Nobodaddy, a histeria no século*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1989.

MILNER, J.-C. D'une sexualité à l'autre. In: MILNER, J.-C.; ZIZEK, S.; LUC-CHELLI, J.P. *Sexualités en travaux*. Paris: Editions Michèle, 2018. p. 15-68.

MORALI, M. (1998) La métaphysique, c'est l'hystérie. *Le Portique*. Revue de Philosophie et de Sciences Humaines [En ligne], n. 2, 1998, mis en ligne le 15 mars 2005. Disponível em: <<http://leportique.revues.org/327>>. Acesso em: 18 jan. 2019.

MOREL, G. (1995) *Séminaire Théorique. La différence des sexes*. Inédito.

MOREL, G.; WACHSBERGER, H. (1997) Investigaciones sobre el inicio de la psicosis. In: _____. MILLER, J.-A. y otros. *La psicosis ordinaria*. Buenos Aires: Paidós, 2005. p. 65-84.

PAPPENHEIM, B. (1888-1890) *In the Junk Shop and Other Stories*. Riverside: Ariadne Press, 2008.

PLATÃO. Mênon. In: _____. *Diálogos*. Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Editora Globo, 1950. p. 63-106.

QUINET, A. (2005) *A lição de Charcot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.

RAMOS, S.P. Revisiting Anna O.: a case of chemical dependence. *History of Psychology*, v. 6, n. 3, p. 239-250, August 2013. Disponível em: <<https://www.uniad.org.br>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

RIEDER, I.; VOIGT, D. (2000) *Desejos secretos: a história de Sidonie C., a paciente homossexual de Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ROSA, M. (2007) Versões do pai na histeria. *aSEPHallus. Revista Eletrônica do Núcleo Sephora*, v. II, n. 4, maio/out. 2007. Disponível em: <<https://www.isepol.com>>. Acesso em: 5 jan. 2019.

_____. Jacques Lacan e a clínica do consumo. *Psicologia Clínica* [online], Rio de Janeiro, PUC-RJ, v. 22, n. 1, p. 157-171, 2010.

_____. Clarice Lispector e as palavras em memória. In: BRISSET, F. *et al.* *A cidade com Lacan – Cinema e Literatura: o feminino, seus corpos e mundos*. Belo Horizonte: EBP, 2018a. p. 215-222.

_____. Pessoa e seu autodiagnóstico ou por onde sopram os ventos. *Desassossegos. Revista de Psicanálise de Orientação Lacaniana*, Lisboa, Antena do Campo Freudiano, p. 51-59, 2018b.

_____. A psicanálise e o Um-dividualismo moderno. *Tempo Psicanalítico* [online], v. 50, n. 1, p. 32-52, 2018c.

RUBINETTI, C. Segunda Noche. Histeria Rígida. In: _____. INDART, J.C. *et al.* *De la histeria sin nombre del padre*. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2014. p. 27-56.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. Verbete: “Bauer, Ida, sobrenome de casada Adler (1882-1945), caso Dora”. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 50-54.

SAFOUAN, M. L'histoire d'Anna O.: une révision. In: _____. *Le transfert et le désir de l'analyste*. Paris: Seuil, 1988. p. 11- 20.

SCHEJTMAN, F. (2012) Reversiones tóricas: histeria y obsesión. In: _____. *Ela-*

boraciones lacanianas sobre la neurosis. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2014. p. 367-388.

SIMMEL, G. (1957) O indivíduo e a liberdade. In: SOUZA, J.; BERTHOLD, Ö. (Orgs.). *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014. p. 107-115.

SOLANO, E. Ce qu'on désire. *La Cause Freudienne*, Paris, n. 49, p. 20-25, nov. 2001.

SOLER, C. 1993. *Variáveis do fim de análise*. São Paulo: Papirus, 1995.

SOLER, 1998. O sintoma na civilização (O psicanalista e as latusas). In: *Curinga*. Escola Brasileira de Psicanálise – Minas Gerais. N.º11, abril 1998. p.164-174

SORIA, N. Reinventar el psicoanálisis, reinterrogar la histeria. *Desde el Jardín de Freud*, Bogotá, n. 15, p. 49-63, Ene./Dec. 2015. Disponível em: <<file:///C:/Users/Dell/Downloads/Dialnet-ReinventarElPsicoanalisisReinterrogarLaHisteria-5201403.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2019.

STRACHEY, J. Nota do editor inglês, p. 87-89. In: FREUD, S. *Uma neurose demoníaca do século XVII*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 90-136. (Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 19.)

TABOAS, C.G. (1974) *Un amor menos tonto: una lectura del Seminario XXI de Lacan*. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2015.

VANDENDRIESSCHE, G. *The parapraxis in the case Haizmann case of Sigmund Freud*. Louvain: Studia Psychologica, 1965.



Bibliografia

ALVARENGA, E. (2006) Variedade dos sintomas, unicidade do tipo clínico. *Correio. Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, n. 58, p. 13-22, 2007.

BORCH-JACOBSEN, M. *Le patients de Freud. Destins*. Paris: Éditions Sciences Humaines, 2011.

BROMBERG, P. (2001) Hysteria, Dissociation, and cure: Emmy von N. Revisited. In: BROMBERG, P.; DIMEN, M.; HARRIS, A. *Storms in her head: Freud and the construction of Hysteria*. New York: Other Press, 2001. p. 121-142.

BROUSSE, M.-H. O inconsciente é a política. *Seminário Internacional*, São Paulo, Escola Brasileira de Psicanálise-SP. (2003)

CASTRO, H. Neuroses sem Édipo?. *Curinga*, Escola Brasileira de Psicanálise - Seção Minas Gerais, Belo Horizonte, n. 46, p. 61-69, jul./dez. 2018.

CIXOUS, H. (1975) *Portrait de Dora*. Paris: Éditions des femmes, 1976. p. 5-104.

COPELAND, C. Times up: Oprah Recognizes The Mother of The #MeToo Movement Recy Taylor at Golden Globes. 8 jan. 2018. Disponível em:

<<http://thesource.com/2018/01/08/times-oprah-recognizes-mother-metoo-movement-recy-taylor-golden-globes/>>. Acesso em: 5 jan. 2019.

FAJNWAKS, F. Lacan et les théories *queer*: malentendu et méconnaissances. In: FAJNWAKS, F.; LEGUIL, C. *Subversion lacanienne des théories du genre*. Paris: Editions Michèle, 2015. p. 19-45.

FREUD, S. (1895/1900) O método de interpretar sonhos: uma análise de um sonho modelo. In: *A interpretação de sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 103-130. (Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 4.)

FUENTES, M.J. (2012) *As mulheres e seus nomes*: Lacan e o feminino. Belo Horizonte: Scriptum, 2012.

MILLER, J.-A. Intuições milanesas. *Opção Lacaniana on-line nova série*, São Paulo, ano 2, n. 5, jul. 2011a. Disponível em: <http://opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_5/Intui%C3%A7%C3%B5es_milanesas.pdf>.

_____. Intuições milanesas II. *Opção Lacaniana on-line nova série*, São Paulo, ano 2, n. 6, nov. 2011b. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_6/Intuicoes_Milanesas_II.pdf>.

LACADÉE, P. Extirper sa libido du coin ou elle s'est tapie. In: HARRISON, S. *Elles ont choisi*: les homosexualités féminines. Paris: Editions Michèle, 2013. p. 175-192.

LACAN, J. (1954-1955) *O seminário*, livro 2: *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

_____. (1962-1963) *O seminário*, livro 10: *A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. (1975) Joyce le symptôme. In: _____. *Le Séminaire de Jacques Lacan*. Livre XXIII, Le sinthome. Seuil: Paris, 2005. p. 161-169.

LAURENT, E. (2016) O que faz sintoma para um corpo. In: _____. *O avesso da biopolítica*: uma escrita para o gozo. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016. p. 43-64.

MILLER, J.-A. (2014) O inconsciente e o corpo falante. In: _____. *O osso de uma análise + O inconsciente e o corpo falante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2015. p. 115-138.

MILNER, J.C. (1983) *Os nomes indistintos*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.

PARNES, A.M. (2014) *Los nombres del diagnóstico*: Jacques Lacan, Jacques-Alain Miller y el problema de los universales. Buenos Aires: Letra Viva, 2014.

PORTILLO, R. Fantasma e sexualidade feminina. *Opção Lacaniana, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo, n. 9, p. 61-64, jan./mar. 1994.

SANTIAGO, J. O inconsciente e a diferença sexual: o que há de novo?

Curinga, Belo Horizonte, Escola Brasileira de Psicanálise-Seção Minas, n. 44, p. 80-94, jul./dez. 2017.

SOLER, C. (2003) Histeria e feminilidade. In: _____. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. p. 42-57.

SOLER, C. (2015) La histeria histórica. (Entrevista Octubre 2015). Publicada em fevereiro de 2016. Disponível em: <<http://tertuliaslacanianas.blogspot.com/2016/02/la-histeria-historica-colette-soler.html>>. Acesso em: 7 jan. 2019.

SOUTO, S. *et al.* A histeria hoje. VI ENAPOL, 2013. Disponível em: <<http://www.enapol.com/pt/template.php?file=Las-Conversaciones-del-ENAPOL/La-histeria-hoy/Simone-Souto.html>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

TROIANOVSKI, L. Clarice Lispector, La sinthome. *Virtualia. Revista Digital da Escuela de Orientación Lacaniana* [online], n. 32, jul./ago. 2016. Disponível em: <<http://www.revistavirtualia.com>>. Acesso em: 17 jan. 2019.

Este livro foi composto nas fontes *Garamond* e *Cambria* e impresso sobre o papel *Pólen* 80g pela
Formato Artes Gráficas em Abril de 2019.